

# **FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MONTES CLAROS**

## **MANUAL DO ORIENTANDO**

(Adaptação de LIMA, F.P.A. **Manual do Mestrando**. 2003. Trabalho distribuído aos alunos do Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção da UFMG.)

**Montes Claros, maio de 2011.**

## 1. Dicas para escrever a monografia com qualidade

### 1.1. Os percalços da juventude do aprendiz

No início de qualquer aprendizado precisamos de muletas que nos ancorem, a fim de termos a tranqüilidade suficiente para desenvolvermos as habilidades necessárias para concretizar o aprendizado. Fazer pesquisa ou escrever uma monografia não é muito diferente, nesse sentido, do que aprender a nadar ou andar de bicicleta. Assim que adquirimos equilíbrio suficiente e nos sentimos seguros, retiramos as rodinhas extras da bicicleta. Somente então o equilíbrio se desenvolve plenamente, aprendemos a fazer manobras mais arriscadas e, podemos dizer, que aprendemos a andar de bicicleta quando saímos do quintal protegido e nos aventuramos no mundo exterior. Em todo campo do saber ou da prática, há sempre graus diferentes de virtuosismo, que nos satisfaz mais ou menos em vista do objetivo que perseguimos. Assim a afirmação de que “já sei andar de bicicleta” é relativa ao uso que faço dela: se é para me deslocar até o trabalho; para passear e me divertir; para travar batalhas de equilíbrio com os amigos; para participar de disputas ou performances esportivas; para apresentar números circenses... Dependendo do objetivo, posso ser um especialista, um novato ou um completo incompetente. O mesmo vale para o trabalho científico.

Também na ciência, no início se precisa de muletas intelectuais (o método; o roteiro de entrevista; os autores ou obras de referência; as orientações para escrever um trabalho científico etc.), mas não se pode deixar que perdurem, pois a formação consiste precisamente em deixá-las de lado e passar a caminhar com as próprias pernas, ou melhor, com a própria cabeça. Podemos ser, e certamente somos, inferiores aos grandes pensadores da humanidade; Aristóteles, Hegel, Marx, para citar apenas alguns, mas podemos ver um pouco além deles desde que nossa formação esteja fundamentada no legado que nos deixaram, como anões que sobem nas costas de gigantes. Antes, porém, de afirmar que esses autores nada mais têm para nos ensinar e de abandonar as muletas é preciso dominar a obra que nos foi deixada por eles, incorporando-as assim como as rodinhas da bicicleta que nos transfere seu equilíbrio.

Também aqui não há facilidades. Quem já se deparou com textos desses autores clássicos sabe quão difícil é se apropriar deles: o trabalho de refazer a trajetória dos outros é quase tão complexa quanto fazer o percurso original.

Na redação de um trabalho científico, que nos interessa aqui, podemos também recorrer às muletas. Os manuais nos fornecem o arcabouço geral, sempre constituído pelos mesmos elementos:

1. a revisão bibliográfica com suas teorias, conceitos e autores (o famoso “quadro teórico”);
2. a delimitação de um problema e de suas variáveis;
3. a formulação da hipótese e dos objetivos específicos;
4. a metodologia de coleta de dados e de montagem dos experimentos;
5. a apresentação e a análise dos dados;
6. as conclusões obtidas e a avaliação crítica dos resultados.

Estruturar a monografia nesta forma não apresenta nenhuma dificuldade especial. Esta

estrutura é a muleta que deve ser abandonada se se quer realmente fazer ciência. O trabalho científico propriamente dito começa a partir daí e, com ele, as dúvidas que atormentam os orientandos e que roubam-lhes noites de sono. Qual a melhor organização do material que disponho? Qual é o tema geral que estou tratando e qual é o meu problema específico? Qual é a linha mestra, a espinha dorsal, o núcleo, o eixo condutor, o recorte da minha monografia? O que os dados e as análises me permitem concluir com certeza?

Mais ainda: que problemas eles trazem à luz mas que não pude, por não estar advertido ou por falta de tempo ou outras circunstâncias da pesquisa (sigilo, não disponibilidade de dados ou falta de tempo dos atores sociais para entrevistas,...) não pude tratar de forma adequada? Que problemas apenas aflorei, *en passant*, e que têm implicações diretas e indiretas com a questão tratada que merecem ser aprofundadas em estudos posteriores?

Não se aprende a andar de bicicleta sem levar tombos, assim como se cometem vários erros durante a formação de pesquisador. Em certos casos, esses erros são causados muito mais pelos orientadores, devido à sua inexperiência, concepção inadequada de ciência, problemas mal formulados, falta de uma linha de pesquisa bem estruturada ou então simplesmente por omissão, isto é, por não exercer adequadamente as suas funções de orientador. Em qualquer caso, ou pelo excesso de presença ou pela ausência, não creio que a responsabilidade maior possa ser atribuída ao orientador, uma vez que este, como todos os outros meios colocados à disposição do orientando, nada mais é do que uma muleta, que também deve ser abandonada mais cedo ou mais tarde. Cabe ao orientando romper com o orientador assim que este deixa de servir de apoio, estímulo e modelo a sua formação e se torna um estorvo.

## 1.2. A difícil relação com o orientador

Os conflitos fazem parte de qualquer relacionamento humano, e quanto maior a convivência mais intensos são os conflitos. Com a relação orientando-orientador não é diferente. Mas qual é a sua especificidade, para não ficarmos neste nível de generalidade dos conflitos intersubjetivos? Noutros termos, o que precisamente causa conflitos nesta relação entre pessoas que desempenham funções sociais específicas no processo de formação do pesquisador?

Uma anedota que circula entre os estudantes descreve bem esta situação. A condição de um aprendiz quando apresenta a sua tese perante uma banca é a de uma pessoa que é estimulada durante um bom tempo a pensar por conta própria, a desenvolver sua capacidade crítica e criativa, breve, a se tornar um adulto, e eis que, quando escreve um trabalho onde tem a coragem de apresentar suas próprias idéias, recebe um bom cascudo e a advertência que o reduz a uma condição inferior: “*Toma lá, menino pretensioso! Quem você pensa que é? Coloque-se em seu lugar. Já acha que é capaz de pensar por conta própria?*”.

Na sua crueza, esta anedota reproduz com exatidão aspectos essenciais do relacionamento entre orientador (e a futura banca) e orientando no processo de formação. Expressa-se aí uma verdade e um valor fundamental na ciência: a humildade diante da complexidade dos problemas reais e diante dos autores que nos precederam. A prudência na ciência depende do conhecimento e da experiência, atributos que faltam aos jovens aprendizes. Por isso, o estímulo e a crítica devem caminhar *pari passu*. Não há formação que não se construa através e pelos embates críticos mais ou menos leais.

Uma crítica é considerada pertinente quando é imanente, quando toma como ponto de partida o ponto de vista do autor.

O dilema do aprendiz é que, se permanece apoiado em muletas, não pode fazer nada de propriamente grandioso, mas não pode deixar que o orgulho se transforme em vazia soberba.

Como toda regra de prudência deve-se buscar o justo meio termo: sem orgulho não se tornará um pensador maduro, com orgulho em demasia se perderá em sua própria subjetividade, negando o olhar dos outros e a resistência das coisas do mundo.

### 1.3. Os pecados da juventude

O mais provável é que esta crise de identidade do orientando não se resolva em tempo tão curto como os meses estipulados como meta, prazo incompatível com a maturidade

intelectual, e que a monografia seja um constructo artificial, que padeça dos mesmos males de que sofre a identidade clivada do autor. O mais comum desses males é o problema crônico da monografia dividida em dois blocos: quadro teórico e análise empírica.

De um lado o autor coloca tudo o que leu sobre o assunto e os autores de sua predileção, em suma o que resultou de seu aprendizado teórico; de outro coloca tudo o que viu da pesquisa de campo. Isto é reflexo de um pecado original de quase todo iniciante a pensador; como é normal, qualquer trabalhador intelectual quer se tornar um pensador, e para tanto é preciso ser original. O problema é quando ele já se imagina original e a subjetividade, a vontade e o desejo dominam o pensamento: a originalidade inibe o próprio pensamento e a realidade que ele busca apreender se perde.

#### *O pecado original: o desejo de originalidade*

Todo pecado se configura em atos nem sempre realizados de má-fé. No caso do orientando, a ingenuidade teórica e a imprudência diante de questões polêmicas, devido à ignorância de todo iniciante, são as principais causas dos erros.

Por exemplo, não é raro ver projetos e mesmo trabalhos já concluídos que propõem elaborar metodologias para isto ou aquilo. Ora, não é sensato pretender alcançar tal objetivo – a formalização de uma metodologia -, que normalmente é a coroação de uma carreira bem sucedida e de anos de trabalho de um pesquisador, além da cooperação com vários colegas.

Aqui, como em outras situações, os orientandos confundem projeto de vida com o trabalho de monografia. Essas propostas grandiosas refletem uma dupla ignorância: da complexidade intensiva e extensiva do real que se pretende conhecer e de si mesmo, do agente que conhece e do difícil processo de sua própria formação. O desejo e a vontade predominam sobre o trabalho árduo. Todo aprendiz deve ter, desde o início, uma auto-imagem generosa, caso contrário não se aventuraria em tão duros ritos de iniciação como os exigidos pela atividade científica. No entanto, esta imagem deve ser permanentemente posta à prova e se alimentar dos resultados objetivos que se vai colhendo ao longo do caminho, não dela própria.

#### *Os projetos ambiciosos*

As monografias podem ser ambiciosas em vários sentidos:

- a) abordar questões teóricas complexas, normalmente colocadas em um plano elevado de generalidade, próprio de outras disciplinas científicas ou mesmo da filosofia: por exemplo, tratar da subjetividade apoiando-se em autores e argumentos filosóficos;
- b) tratar muitas variáveis empíricas, cujas relações acabam não sendo analisadas;
- c) elaborar modelos e metodologias, como sínteses metodológicas entre diferentes áreas do conhecimento (arquitetura e ergonomia; projeto de produto e engenharia simultânea,...);
- d) resolver questões complexas através de métodos ou técnicas simples e limitadas, sem antes compreender a complexidade do problema que está em questão (análise de modos de falhas para problemas de interferência de projetos na construção civil);

e) demonstrar relações amplas, como efeito de um dado fator sobre a posição competitiva de uma empresa ou sobre a produtividade ou a qualidade, sem compreender a complexidade das mediações envolvidas.

### ***Casos típicos de projetos grandiosos***

Há dois casos extremos que exemplificam bem porque os projetos são superdimensionados: a grande experiência e a falta de experiência. Há alunos que têm larga experiência profissional, de vida ou de militância, que já chegam, por assim dizer, “prontos” para o desenvolvimento da monografia, com uma bagagem repleta de problemas reais e uma visão de mundo mais ou menos bem elaborada. O trabalho de formação acadêmica é, então, de desconstruir a polêmica e a crítica já estabelecida antes mesmo de se construir um quadro teórico pertinente; ou, em termos práticos, de reduzir o problema de uma vida a um problema tratável pela ciência num prazo de meses, sem perder a riqueza e a motivação de lidar com problemas reais. Contudo, deve-se reconhecer que a complexidade desses problemas ultrapassa de longe o escopo de uma monografia.

Por sua vez, os alunos sem experiência profissional tendem a simplificar o real para que tudo possa ser acomodado aos seus conceitos, retirados da última moda. Faltam-lhe os sentidos aguçados (o famoso “espírito crítico”) para ler um autor sem se tornar uma esponja que absorve qualquer líquido com o qual entre em contato. Uma sensação comum da falta de bom senso crítico é a incapacidade de perceber as diferenças entre autores, às vezes de escolas contrapostas. Neste caso, a dificuldade maior é despertar a capacidade de ver a realidade, de perceber polêmicas, enfim de ter um problema. Enquanto os alunos experientes se perdem pelo excesso de problemas complexos, insolúveis num curto prazo e através de abordagens unilaterais, os inexperientes se perdem na falta de problemas, resolvidos apenas formalmente.

## **1.4. Orientações práticas**

Não há soluções fáceis para os dilemas assinalados acima. Não há caminho fácil para a ciência, como disse Marx: “*No começo toda ciência é difícil*”.

“a primeira condição da crítica – a ausência de um critério preconcebido” (Engels, In *Miséria da filosofia*, p. 176)

A abstração é sempre necessária na atividade intelectual, mas não pode deixar de fora aspectos essenciais ao problema. Por isso até que se tenha certeza de se ter evidenciado as “abstrações razoáveis”, que são formas de existência dos fenômenos em questão, não se pode desprezar nenhuma possibilidade. A categorização precoce, a criação artificial de conceitos, apenas cria formas vazias de conteúdo, sem sentido concreto.

Como “*o método de exposição apresenta de modo invertido a ordem de investigação*” (Marx, *Miséria da Filosofia*, p. 31), tudo se apresenta, uma vez redigido o texto, que os resultados decorrem de conceitos fixados em um quadro teórico prévio, que os dados foram obtidos seguindo-se um método já conhecido e formalizado, etc. O texto acabado não mostra as peripécias e descaminhos que levaram até ele.

## **1.5. Da complexidade do real e da imprudência dos aprendizes**

O desconhecimento da tradição é a primeira condição para se considerar original. Certamente podemos ver mais longe do que aqueles que nos antecederam, quando conseguimos nos alçar aos seus ombros. Mas não se pode chegar a este ponto quando se alimenta um desprezo velado pelos

“teóricos” e pela “academia”, como se pudesse haver alguma prática eficaz sem uma teoria profunda.

Do lado prático, os problemas são considerados como “novos” apenas porque são contemporâneos, como se a história fosse uma simples sucessão temporal de eventos e não o sentido dos acontecimentos.

A síndrome dos 5 anos que vigora nas ciências da natureza, que procede por acúmulo de conhecimentos, tende a prevalecer na engenharia de produção: só se reconhecem como importantes as publicações dos últimos anos. Há um profundo desconhecimento dos autores clássicos, inclusive aqueles do próprio campo da administração (Taylor, Ford, Mayo...), conhecidos apenas através dos manuais e críticos que os deturpam.

Vale a pena lembrar Goethe: *“O mundo já é tão velho, e durante tantos milhares de anos viveram e pensaram tantos homens ilustres, que pouco há de novo para encontrar e para dizer. Até a minha teoria das cores não é nova. Platão, Leonardo da Vinci e muitos outros homens de primeira ordem, já, separadamente, disseram e encontraram o mesmo que eu; mas o meu mérito é ter eu encontrado também a mesma verdade, tê-la novamente declarado, esforçado-me por ela e ter-lhe novamente dado guarida neste mundo confuso.*

*“É preciso repetir sempre a verdade, porque o erro também nos é constantemente repetido aos ouvidos, e não por uma só pessoa, mas pela massa geral. Nos jornais e nas enciclopédias, nas escolas e nas universidades, campeia o erro, e sente-se à vontade porque tem ao seu lado a maioria”.*

A realidade e os problemas que ela coloca são sempre complexos e infinitos em termos intensivos e extensivos. Quando se começa a puxar um fio do novelo, logo percebemos que há uma rede intrincada de relações que se estendem para todos os lados (complexidade extensiva) e este fio mesmo é composto por vários outros fios entrelaçados (complexidade intensiva).

Em termos práticos, isto quer dizer que a escavação dos objetos na pesquisa nunca tem fim, o que certamente entra em conflito com as exigências institucionais, mas também com os limites da própria vida humana.

Hoje a ordem é terminar em meses! Como fazer com que este limite temporal arbitrário não leve a textos que sejam apenas construções artificiais, montadas apressadamente para cumprir o prazo formal? Como acomodar neste prazo o processo irregular, incerto, imprevisível de amadurecimento pessoal (formação) e de compreensão do objeto de do problema em questão? Que engenharia simultânea usar para reduzir o tempo de formação e de pesquisa sem perder a qualidade do resultado final: a capacidade de pesquisar, o domínio de conteúdos e a redação da própria dissertação?

Antes de qualquer coisa é preciso ter um problema real, senão qualquer texto é mero construto artificial, especulação fantasiosa. A falta de um problema é o maior problema dos orientandos.

Obviamente problemas não faltam: os orientadores os têm aos punhados em seus escritos deixados nas gavetas, nos projetos, em seus cadernos de notas, em seus artigos inacabados e, sobretudo, em seu espírito, à espera de que alguém se interesse em resolvê-los. O diabo é que precisa antes haver um interesse: há o interessado, o orientando, e o apetite para fazer algo, mas não o interesse objetivo. O que se apresenta aos olhos do pesquisador sênior como sendo um problema posto de forma clara e articulada, já com as pistas para tratá-lo, ainda não é acessível ao aprendiz. Lembremos as advertências de Goethe: *“Não é por muito pensar que se chega a ter pensamentos.”* (Goethe, p. 70)



“A luz existe e as cores cercam-nos, mas se não tivermos por nós próprios olhos que vejam a luz e a cor, não daremos por elas.” (Goethe, p. 81)

Do mesmo modo, sem a formação, o aprendiz não pode enxergar o que está diante dele, mas conseguir ver é precisamente o essencial de sua formação. Não se rompe um círculo vicioso a golpes de machado, é preciso fazê-lo funcionar em seu proveito. Mas cada aprendiz tem o seu ritmo, que também não pode ser violentado.

A alternativa das ciências naturais, onde os prazos são menores, foi de substituir a formação pelo adestramento, o laboratório estando organizado como uma linha de montagem, e em uma hierarquia que vai do aluno de graduação, bolsista de iniciação científica, ao chefe do laboratório. A ascensão na hierarquia se faz galgando posições e reproduzindo abaixo a mesma estrutura de exploração. Mas pode tal modelo funcionar nas ciências sociais, por definição comprometidas com a desalienação social de do trabalho ?

O pesquisador em ciência social precisa de um parceiro que também o submeta a críticas, não de um subordinado e seguidor submisso que repita seus passos e erros. Como formá-lo, ao mesmo tempo disciplinado e crítico?

Como desenvolver o senso crítico, a percepção do problema, quando não se tem nem a formação teórica, nem os dados empíricos? Em verdade, a pesquisa de campo se inicia com este relativo *handicap*. É, em si mesma, momento de formação. Por isso não pode ser acabada, não se pode exigir do orientando que ofereça soluções para problemas cuja complexidade ele perceberá apenas mais tarde, ao fim do processo.

A formação e a percepção do problema devem evoluir juntos. Se o problema é dado, já montado, isto é instrumentalização. Se se tenta formar sem um problema, não se aprende.

“Dos nosso estudos, afirma Goethe, só conservamos, no fim de contas, aquilo que utilizamos praticamente”. (p. 68)

É necessário organizar melhor a formação, abandonar os seminários e dar aulas. Consolidar a base antes de incentivar o pensamento próprio. A crítica não provém da vivacidade do espírito, mas da solidez da formação, senão se torna mera negação, simples recusa da realidade, sem que algo seja recolocado no lugar: a crítica subjetiva nada põe de objetivo. Os alunos também devem fazer a sua parte, que também exige refazer certas disciplinas que constituem a base conceitual para tratar os problemas. Refazer porque, da primeira vez, apenas se absorve passivamente os conceitos, da segunda, se pode trabalhá-los praticamente através das pesquisas de campo e ativamente a partir da própria experiência pessoal. Se uma disciplina é feita apenas uma vez há algo errado, ou com os alunos ou com a disciplina que não serve como base para os projetos específicos. É todo o programa que tem que ser revisto e reorganizado.

Uma aprendizagem se dá também pela prática e através dos outros, em situações formais e informais. Aprende-se mais como redigir uma monografia assistindo algumas defesas do que lendo os manuais de redação de textos científicos. São nestas situações sociais que os conceitos revelam seus pressupostos e os pontos de vistas semelhantes se diferenciam. Pelos menos evitar-se-iam os equívocos mais comuns e comuns a quase todos os orientandos.

## 2. O PLANEJAMENTO TEMPORAL DA PESQUISA E DA REDAÇÃO DA MONOGRAFIA

### 2.1. A pesquisa de campo

Para atender estas metas é preciso antecipar os contatos com empresas onde poderá ser feita a pesquisa de campo. As negociações com as empresas são sempre demoradas e o acesso aos responsáveis é difícil, por isso é bom iniciar os contatos e a pesquisa de campo o quanto antes.

Mantenha sempre duas negociações em paralelo, com o cuidado de manter o mesmo tema, caso as duas empresas aceitem. Neste caso, você poderá fazer dois estudos de caso ou uma pesquisa comparativa.

### 2.2. Cronograma padrão

Apresentamos abaixo um cronograma típico para realizar a monografia em 10 meses, assinalando alguns limites e distribuindo as diversas atividades conforme a carga de trabalho exigida. A preparação e defesa da monografia em 10 meses só são possíveis se algumas etapas chave são cumpridas no tempo certo, como a negociação da pesquisa de campo e entrega de uma primeira versão ao orientador com a devida antecedência. Evidentemente algumas atividades podem ser redistribuídas ao longo do tempo ou realizadas em seqüência diferente do previsto no cronograma padrão que, como todo bom padrão, presta-se somente como uma referência.

- 1 - Definição do projeto de pesquisa
- 2 - Elaboração de proposta de trabalho (tutor acadêmico)
- 3 - Negociação da pesquisa de campo com a empresa
- 4 - Início da pesquisa bibliográfica
- 5 - Pesquisa de campo 6 meses
- 6 - Análise dos dados 3 meses
- 7 - Revisão bibliográfica 3 meses  
(Análise dos dados) (1 mês)
- Versão provisória 2 meses
- Correções 2 meses
- Redação da versão final 1 mês
- Defesa 1 mês

### 2.3. A pesquisa bibliográfica

A era da informação trás consigo mais do que simples erros de forma: há também um risco de prejuízos substanciais aos conteúdos que já começa a fazer estragos em alguns orientandos.

A pesquisa automática nos bancos de dados é certamente um recurso importante para fazer a revisão da bibliografia, mas apenas um deles e não o principal. Às vezes, são considerados como se fossem a única fonte de referências pertinentes, porque supostamente atualizadas.



Desde já ficam eliminados textos anteriores à informatização das publicações. Mas isto não é o mais grave. Alguns orientandos acreditam sinceramente que o conhecimento sobre um problema é o que está catalogado através de palavras-chave. Escolher a boa palavra-chave já requer um conhecimento razoável do problema, de seu conteúdo e de como ele pode ser codificado, requer ler por trás dos códigos, e não ficar preso a eles.

As consultas são feitas através da composição ou associação literal de alguns elementos empíricos, imediatos: qualidade e construção civil; acidentes e motoboy, etc. Esses termos não são postos enquanto problemas, mas simplesmente como temas, assuntos. Assim, não é surpreendente que nenhuma referência específica seja encontrada e a conclusão é fatal: não há nada escrito sobre o tema. Ora, ao contrário, como ensina o velho e bom ditado, não há nada de novo sob o sol. Pesquisar sobre um problema não implica ficar preso a manifestação empírica imediata do tema. Um assunto devidamente problematizado revela relações e determinantes que podem sugerir aproximações inesperadas, precisamente aquelas que poderão levar a uma nova visão sobre o assunto pesquisado. Assim, se o problema dos acidentes com os motoboys é um fenômeno recente, o dos acidentes em situações de risco iminente não o é; se o ensino à distância pela internet é novidade, não o é nem o ensino à distância em geral nem as atividades mediadas por instrumentos informatizados e assim por diante. Faz parte da criatividade do pesquisador encontrar as obras de referência que tratam de situações análogas (sem precisar necessariamente se limitar a um raciocínio por analogia) e imensa falta de criatividade parar a pesquisa quando os bancos de dados informatizados não indicam nenhuma referência específica.

#### **2.4. O caminho de volta: o sofrimento diante da redação da última versão**

O mais difícil de tudo isso é o caminho de volta, quando se tem que deixar de fora os achados durante o duro percurso do caminho das pedras, quando se acumularam algumas preciosidades, autores que nos apaixonaram, situações interessantes na pesquisa de campo, entrevistas que nos comoveram ou que nos alertaram para problemas impensados, textos que rascunhamos de improviso mas com emoção.

Agora é o momento de escolhas definitivas sobre o que fica e o que deve ser descartado, o que vai ser ressaltado e o que aparece apenas em um papel secundário. Não é fácil deixar que o material se imponha por sua própria objetividade. Nossos impulsos e tendências subjetivas querem preservar tudo, sobretudo aquilo que é mais caro ao coração e à ideologia. Através de caminhos tortuosos se tenta preservar discussões, manter os achados empíricos, guardar tal autor ou citação que nos são caros. Mas a estrutura objetiva do texto se impõe, de início apenas intuitivamente, depois o pedaço se mostra indisposto com o restante, quando finalmente a decisão é tomada, o todo estruturado emerge com clareza, ficamos aliviados e satisfeitos.

O momento de decisão e de definição da coluna dorsal do texto só se apresenta ao final, só então sabemos o que de fato sabemos e também sabemos o que não sabemos ou que não temos certeza.

Na verdade não há um momento isolado e bem estabelecido no processo de pesquisa/redação para se fazer esta escolha da estrutura essencial do texto. A definição se desenha num ir e vir entre leitura e reflexão teórica e análise dos dados empíricos. Os sinais são reveladores, quando nos saturamos dos dados, e eles não conseguem nos revelar mais nada, ou quando não conseguimos mais apreender o que lemos em outros autores.

A situação ideal seria aquela em que pesquisa de campo, análise dos dados e reflexão teórica se desenrolassem ao mesmo tempo de forma alternada e se apoiando mutuamente.

Invariavelmente, ao final temos vontade de tudo refazer e voltar ao campo para retomar aquela entrevista plena de lacunas e subentendidos...

Em certos momentos a complexidade do material é maior do que consigo abarcar de um só olhar. Sem um mergulho total e profundo, o texto não se deixa domar, permanece caótico e confuso. Necessitamos de um longo tempo de contato íntimo e direto com o material como um todo, que já deve estar na forma de uma versão integral, mas desconexa. Não raro, algo que foi colocado no último capítulo passa para o primeiro, capítulos e seções mudam de lugar, uma seção ganha novo sentido quando invertemos dois parágrafos. Como todo plano, também o da redação serve apenas para ponto de partida. Nesta fase de redação da versão final precisamos de dedicação quase exclusiva. Vive-se a tese, fala-se dela, come-se com ela, dorme e sonha-se com ela. É aqui que a família mostra se merece ou não os agradecimentos do autor, com o qual compartilhou e compreendeu o sacrifício dos dias de lazer...

Em outros momentos nos sentimos assoberbados pelo material, autores, conceitos, polêmicas, dados; vários caminhos se abrem e todos são possíveis e interessantes. A situação se inverteu: quem não tinha nenhum problema sobre o qual falar, em torno do qual organizar as leituras, agora tem em excesso. Já não sabemos mais para onde ir. Nestes momentos é bom fazer uma pausa e um balanço geral e se perguntar: o que exatamente eu sei e que está suficientemente bem demonstrado e analisado? Em geral, pode ser útil escrever um artigo de no máximo 10 páginas, onde não cabe tudo o que tenho, todas as partes do quebra-cabeças, a não ser que eu seja capaz de estabelecer laços fortes e visíveis entre eles, que eu decifre a sua estrutura subjacente.

Somente então eu tenho uma tese, um texto com forma literária, que constitui um todo orgânico. É mais difícil escrever um texto curto e conciso do que um longo, em que me perco em digressões infundáveis.

Quando se tem um problema bem delimitado e analisado em suas determinações essenciais, todas as peças se encaixam. Pode-se abandonar aquele estilo sofrível que cita um autor atrás do outro, com expressões como Fulano pensa que..., Sicrano afirma que..., Beltrano afirma... O estilo pode ser mais objetivo, conduzido e organizado pelo objeto e pela trama de suas determinações. O texto passa a falar diretamente de um objeto e através dele, não mais através do que os autores pensaram ou escreveram sobre o assunto.

## 2.5. O balanço final

A última versão de qualquer trabalho é apenas a derradeira, não a versão final ou definitiva.

Como a complexidade da realidade e dos problemas é infinita, intensiva e extensivamente, chega um momento em que o sujeito deve dar um basta. Como o orientador tende sempre a querer um pouco mais, cabe ao orientando por um ponto final e demonstrar através de um texto bem redigido e estruturado que ali já tem uma tese e um trabalho suficiente.

Quando, ao final da monografia, pede-se que seja incluída uma seção com **futuros problemas a resolver**, não é uma simples questão de praxe, apesar de assim ser tratada na maioria dos casos. Ao contrário, é aí que o orientando consegue demonstrar a extensão de seus conhecimentos e, através do reconhecimento de questões não resolvidas, mostrar certas atitudes essenciais ao bom pesquisador: a consciência dos limites do que sabe e do que não sabe, as questões que resolveu, o que permanece por resolver e fundamentar melhor e que aparece em seu texto de forma apenas hipotética, fatos empíricos e eventos discrepantes que suscitam dúvidas e questões ainda sem resposta....

Mostra também que o novo pesquisador já é capaz de formular com precisão questões pertinentes, condição fundamental para levar outros projetos adiante, pois, como diz a máxima, *“Na ciência, uma questão bem formulada já é meio caminho andado”*.

Ao fazer isto, também fica mais delineado o que é o núcleo central de seu trabalho. Quando nada, serve para evitar as críticas infrutíferas de certos membros da banca, que,

desconhecendo as boas regras da crítica imanente e as boas maneiras, teimam em pedir que o orientando faça coisas que não estavam no escopo do seu trabalho, Todavia, para evitar esse tipo de crítica que erra o alvo é necessário:

- 1) que o próprio escopo da monografia esteja bem definido, afirmado desde o início e reafirmado quantas vezes necessário;
- 2) antecipar as questões paralelas, desdobramentos importantes, outras variáveis, autores, teorias e outras abordagens que poderiam ter sido utilizados, mas não o foram e porque foram feitas as suas dentre outras opções.

Este trabalho duplo de delimitação (assinalar o que se deixa de fora e acentuar o que é a linha mestra) deve ser feito ao longo de todo o texto (usando notas de rodapé), quando se afirmam os limites do tema; da abordagem, as variáveis consideradas; e, por falta de espaço, remete-se a autores com os quais se tem afinidade e que complementam outros aspectos. Na ciência e na guerra, quando há espaços desguarnecidos recorrem-se aos aliados.

Grande parte da arte de apresentação é encontrar a forma ideal para não se deixar atacar pelas beiradas, proteger os flancos desguarnecidos e levar o inimigo para o terreno que domina melhor: o da sua tese, que você conhece melhor do que ninguém, pois foi o único a pensar nela de forma sistemática e durante tanto tempo. Mas atenção, qualquer avanço em território desconhecido será alvo fácil das críticas. Não é certo dizer que na ciência não se aceita o orgulho de quem tem certeza, apenas não se tolera o orgulho vazio quando não se tem certeza.

O que pode ser tolerável e até mesmo divertido na vida cotidiana, em uma roda de amigos, não é aceitável na prática científica. Sem uma boa cultura acadêmica, não se pode evitar essas armadilhas.

Faz parte da arte de escrever e dos bons modos científicos saber pedir desculpas. Uma deficiência, quando reconhecida e assumida deixa de ser um objeto de crítica e se torna de louvor.

### 3. DA REDAÇÃO E DA REVISÃO DO TEXTO

Outra qualidade que deve ter o pesquisador é saber “tirar leite das pedras”. O material bruto que sai das entrevistas e das observações de campo pode se transformar em preciosidades quando lapidado por mãos hábeis. Como diria o comentarista esportivo, é preciso valorizar a posse de bola.

Comece por colocar o problema e por afirmar a sua tese desde o início, de preferência de forma direta, usando verbos na terceira pessoa. São dispensáveis expressões do tipo: “Neste trabalho eu...”; “Nesta monografia tratamos da...”. Veja alguns exemplos dignos de nota:

*“Muitos se contentam com o emprego de “modo de produção” unicamente em sua qualidade de nome próprio. (...)”*

*“Serão todos os economistas mentirosos? É preciso ter o cuidado de não extrapolar a experiência cotidiana. (...)”*

*“Na conduta do organismo mais simples estamos habituados a decifrar um sentido. (...)”*

*“O behaviorismo radical, no entanto, ousa assumir uma perspectiva completamente diferente. (...)”*

Todos esses trechos são frases iniciais de textos de Giannotti, publicados na obra *Filosofia Miúda*, que, se não aconselho totalmente quando ao conteúdo das idéias, recomendo vivamente quanto à forma precisa e lapidar da redação.

Afirme já, desde a primeira frase ou parágrafo, a questão específica, do que se trata na monografia. Metade das monografias começam com generalidades sobre a importância das novas tecnologias, a competitividade e a concorrência crescentes, a globalização, a precarização do trabalho, o ritmo alucinante das mudanças no mundo contemporâneo... etc.

Um bom pesquisador evita os lugares comuns ou sabe dizê-los de forma elegante, recorrendo a expressões como: “*É um truísmo que....*”. “*Sabe-se que...*”; “*Já se tornou lugar comum...*”.

Parece haver uma incompreensão profunda quanto à forma. Os aprendizes se apegam a ela como se fosse uma tábua de salvação, enquanto que, para os pesquisadores seniores, a forma é flexível e segunda. Compreende-se o receio dos novatos de abandonar a segurança dos padrões, preferindo escrever um texto com a estrutura convencional, mas isto apenas revela falta de inspiração e torna o texto maçante e sem vida própria, a começar pelos títulos. Uma monografia cujos capítulos são intitulados: 1) Introdução; 2) Revisão Bibliográfica (ou quadro teórico); 3) Metodologia; 4) Resultados; e 5) Conclusão, não fornece nenhuma orientação ao leitor. Não há mal nenhum em colocar títulos evocativos do conteúdo ou até literários e metafóricos que trazem mais informações.

Um bom pesquisador, que sabe que suas certezas podem, no futuro, se revelar infundadas, precisa de uma certa dose de ironia e de autocrítica para manter a mente aberta e não se engessar em esquemas rígidos. Isto requer um espírito jocosos e por vezes irônico. A ciência, em seus resultados e problemas, deve ser séria como a sua imagem pública, mas o seu fazer cotidiano requer brincadeiras e liberdade de espírito, inclusive para verificar se a seriedade dos resultados resiste aos ataques mais cáusticos.

O material empírico deve ser lapidado e a forma de apresentação pode ressaltar ou esconder seus atrativos. Os fatos não dizem nada por si mesmos, como querem os empiristas, mas dependem das elaborações teóricas que os ressaltam do fundo comum da realidade em que aparecem. “*A arte da observação*”, dizia Goethe, “*está em ver o grande no pequeno*”.

Cada frase dita em um canteiro de obras, cada expressão facial em uma reunião, cada evento, cada defeito de qualidade em uma linha de produção, cada acidente, podem ser fonte de análises infinitas e variadas. As situações, os fatos, os acontecimentos cotidianos, os eventos, são sínteses de múltiplas determinações que colocam em evidência, se devidamente compreendidas e analisadas, o todo do qual fazem parte.

### **3.1. As diversas formas de revisão do texto**

Nada agrada mais ao leitor de uma monografia que ser suavemente conduzido pelo conteúdo do texto sem tropeçar na forma de apresentação. Para isto é preciso uma série de revisões, da ortografia ao sentido que se quer expressar, passando pela gramática, estrutura do texto, organização das idéias e dos argumentos. Não há texto que apresente boa forma sem sofrer pelo menos cinco revisões, da versão inicial (que é um texto mais acabado do que o rascunho ou as notas de trabalho pessoal) à versão que se pode tornar pública.

Para facilitar o entendimento, podemos estabelecer a seguinte classificação das diversas versões de um texto, com o cuidado de não ver aí uma seqüência rígida, mas apenas certas características predominantes:

<p>MATERIAL BRUTO</p> <p>Estágio zero</p>	<p>Diários de campo / transcrições de entrevistas</p> <p>Notas de leitura / anotações em livros / fichas de leitura e resumos</p> <p>Notas pessoais de <i>insights</i> sobre o problema</p>
<p>DOCUMENTO DE TRABALHO</p> <p>Versão provisória (versão zero)</p>	<p>Texto ainda indefinido, com várias possibilidades ainda em aberto</p> <p>Agrega citações de autores que consideramos importantes e análises que se aproximam das fichas de leitura, já organizadas segundo uma ordem lógica</p> <p>Relata situações e casos da pesquisa de campo e de outros estudos similares, com análises provisórias, mas bem detalhadas, do tipo: <i>o que este caso mostra ou nos ensina ?</i></p> <p>Vários problemas são evidenciados e as correspondentes linhas de análises são sugeridas e iniciadas</p>
<p>MONOGRAFIA</p> <p>VERSÃO 1</p>	<p>A tese delineada e estruturada</p> <p>Resulta de uma decisão que seleciona dentre as possibilidades anteriores um problema e linha de análise que será o núcleo do trabalho</p> <p>O texto se inicia por uma afirmação clara do problema e qual é a tese defendida pelo autor</p> <p>Em torno deste problema, todos os materiais anteriores serão organizados, de forma a ressaltar qual é a tese do autor e, eventualmente, qual a sua originalidade ou posição em relação a outras teorias e a outros autores</p> <p>O conteúdo do trabalho está definido no essencial e já se pode dizer que o autor <b>tem uma tese</b>, apesar de várias revisões formais pelas quais ele ainda deverá passar</p>
<p>MONOGRAFIA</p> <p>VERSÃO 2</p>	<p>O todo artístico</p> <p>Com a versão final pronta, mas ainda não em forma definitiva, o texto passará por diversas revisões, que devem ser feitas em momentos distintos devido à atenção exigida para certas particularidades. Estas revisões não alteram na essência o conteúdo, mas ajudam a reforçar a compreensão do que se quer demonstrar e a força dos argumentos, assim como a solidez da formação do autor e suas qualidades como pesquisador</p> <p>A versão 2 se preocupa em organizar os conteúdos, em seus grandes blocos (capítulos e seções), numa seqüência lógica, que valoriza o fio condutor do texto, orientando o leitor para o que se quer discutir e quais são os argumentos e sua fundamentação. Os conceitos e dados principais são devidamente valorizados e apresentados no momento e com a intensidade adequada.</p> <p>O critério é dotar o texto de uma unidade literária, própria mas não exclusiva de uma obra artística</p>
<p>MONOGRAFIA</p> <p>VERSÃO 3</p>	<p>Estilo e ritmo</p> <p>O estilo deve ser apurado, evitam-se as repetições; o uso excessivo de adjetivos e de advérbios; eliminam-se os vícios de linguagem e as repetições de palavras.</p> <p>A redação a partir e em torno dos autores cede lugar à redação em torno</p>



	<p>do objeto. A escrita assume um estilo mais direto, eliminando-se expressões que remetem ao sujeito e não ao conteúdo (“<i>Segundo fulano...</i>”; “<i>De acordo com sicrano...</i>”; “<i>Para beltrano...</i>”) ou verbos do tipo: Fulano <i>diz...</i>; Sicrano <i>afirma, relata, coloca</i> etc. Para evitar este penoso estilo de escrita, pode-se adotar como regra prática colocar os nomes dos autores referidos apenas ao final das frases e parágrafos.</p> <p>Os parágrafos são retrabalhados e redistribuídos, aperfeiçoando o ritmo do texto e a tensão crescente que apresenta o problema com nuances e complexidade crescentes e anuncia a sua solução no final</p> <p>Os conteúdos ainda são remanejados, mais desenvolvidos aqui ou acolá; exemplos concretos são usados para tornar mais compreensíveis os argumentos ou para reforçar a sua força de convicção</p>
<p>MONOGRAFIA VERSÃO 4</p>	<p>Revisão gramatical</p> <p>Em um 4o nível de revisão, são considerados os possíveis erros de gramática e busca-se facilitar a leitura</p> <p>As frases ambíguas (uso de possessivos etc.) são corrigidas; frases com mais de uma idéia são divididas; usa-se um estilo de escrita mais direto, com menos frases invertidas etc.</p> <p>Verificam-se os erros de concordância, de regência, que são dependentes do conteúdo. Aqui, estilo e conteúdo são interligados: a forma de expressão torna mais rigoroso e mais compreensível o que se quer expressar.</p> <p>Ainda aqui o conteúdo é beneficiado pela forma de expressão e ele predomina e orienta a leitura</p>
<p>MONOGRAFIA VERSÃO 5</p>	<p>Revisão ortográfica</p> <p>Finalmente, é necessária uma última revisão, essencialmente voltada para corrigir erros ortográficos, que preferencialmente deve ser repetida por uma pessoa alheia ao conteúdo do trabalho. Esta revisão exige uma atenção para detalhes que escapam aos sentidos quando se está envolvido com o conteúdo, como é o caso do próprio autor quando tenta elucidar um problema.</p>

A partir daí o texto pode ser divulgado publicamente sem que o seu autor e orientador passem vergonha, para sofrer as críticas dos pares, antes de se preparar a versão definitiva, que irá oficialmente para as prateleiras das bibliotecas.

Embora estas versões não ocorram necessariamente nesta ordem e exista uma certa sobreposição das revisões, o importante é ressaltar que cada revisão tem sua própria especificidade. Não há textos acabados que não tenham sido reescritos pelo menos cinco vezes por seus autores, à procura não apenas do conteúdo que se quer expressar mas também da boa forma que permite melhor transmiti-los a outrem. Mesmo os autores geniais, que afirmam escrever de uma só vez a versão definitiva, é porque refletiram longamente sobre a forma ideal do texto, re-elaborando-o mentalmente, graças a uma prodigiosa memória. Nós outros, que não temos nem a genialidade nem uma memória prodigiosa, temos que fazer e refazer por escrito as diversas revisões.



### 3.2. Ortografia

Com os editores de texto informatizados ficou bem mais fácil a dura tarefa de fazer a revisão ortográfica. É prova de desleixo entregar ao seu orientador ou à banca um texto com erros de digitação que seriam facilmente detectáveis pelo corretor automático. Mas isto não dispensa uma boa revisão ortográfica, pois vários erros escapam aos sistemas informatizados, além da própria correção automática produzir outros tantos.

Hoje nos deparamos com um novos tipos de erro: os produtos dos automatismos dos editores de texto. Há erros por falta de domínio do software e outros por falta de informação. No primeiro caso, o autor deposita demasiada confiança na autoridade do computador e de seu corretor ortográfico, aceitando sugestões descabidas. Enquanto digito este texto, meu software sublinha automaticamente algumas palavras que escrevo, assinalando erros de digitação e erros ortográficos. Ora, para a máquina não há diferença entre erros de digitação e de ortografia, pois tudo se reduz a uma comparação entre a palavra que escrevo e o seu banco de dados. Foi sublinhada, por exemplo, a palavra “automatismos”. Se peço que ele corrija, apresenta-me a opção no singular “automatismo”. Não há erro, apenas uma limitação do banco de dados.

Em outros casos, a dúvida me assalta: sou eu ou a máquina que tem razão? Esta palavra existe ou não? Tem acento ou não? Recorro ao Aurélio e valido a correção ou acrescento um novo termo ao banco de dados. (Para isto, há um meio rápido, usando o botão esquerdo do mouse)

Invariavelmente ele vai sublinhar palavras compostas com hífen. Para evitar isto, alguns

alunos acrescentam um intervalo antes e depois do hífen, que... inadvertidamente foi

transformado em travessão. O incômodo do corretor automático é resolvido para quem digita, mas cria-se outro para quem lê, que a todo momento interrompe o fluxo da leitura para interpretar o significado daquele traço...

Por tudo isso, o velho Aurélio continua sendo um instrumento indispensável, com o qual podemos enriquecer progressivamente nosso corretor e melhorar a sua performance.

Outros problemas ocorrem porque o usuário não consegue dominar a máquina, que parece dotada de vontade. Por mais que eu queira tirar o acento de “por exemplo” ela insiste em grafar o “pôr” com acento circunflexo. Se escrevo “ter” ela troca por “Ter” com inicial maiúscula. Para corrigir o erro, é necessário usar algumas artimanhas e enganar a máquina, reescrevendo a palavra sem que ela perceba (mude a posição do cursor com a mouse), ou então desprogramar esses automatismos, o que exige aumentar o meu domínio sobre o software. Em qualquer dos dois casos, inverto a relação de poder: passo a ter mais autoridade sobre a máquina do que ela sobre mim.

### 3.3. Gramática

A divisão de parágrafos obedece a uma regra formal bastante simples, mas cuja aplicação pode ser complicada. O Aurélio define parágrafo como: “*seção de discurso ou de capítulo que forma sentido completo, e que usualmente se inicia com a mudança de linha e entrada.*” As entradas saíram de moda, mas o parágrafo ainda não e continua sendo um conjunto de frases com sentido completo.

Nas áreas tecnológicas, devido à prática de redação de relatórios empresariais, adotou-se o falso princípio de que os parágrafos devem ser pequenos, para tornar o texto bem apresentável e de fácil leitura. Alguns alunos, quando se deparam com textos com parágrafos longos, têm

dificuldade de compreendê-lo, mas a forma reflete uma exigência do conteúdo. Sem isso o sentido fica truncado.

Além disso, os erros gramaticais mais frequentes nas monografias referem-se ao uso crase; hífen, concordância e regência verbal. Portanto, cuidado com as armadilhas da língua.

### 3.4. Estilo

O autor principiante é um egoísta: retira dos outros autores apenas o que lhe interessa no momento e que lhe é útil para resolver o seu problema. A menos que o seu problema seja o pensamento de um autor (esse tipo de análise não é usual em engenharia de produção), é o objeto que ocupa o lugar central no texto. É ele que deve orientar a redação e a escolha das referências e citações. Por isso não cabem certos estilos (crítica ou revisão exaustiva do que disse fulano ou sicrano). Qualquer acerto de contas deve ser feito em notas de rodapé, deixando o texto redigido de forma direta e centrado no objeto, no assunto de que se trata aqui. Por isso, as referências devem aparecer no fim das frases e não no início.

*“O estilo dum escritor é a expressão fiel do seu íntimo; se queremos escrever em estilo claro, é preciso que primeiro haja clareza na alma, e se se quer escrever em estilo grandiloquo, é porque há grandeza de carácter.” (Goethe)*

A confusão de um texto reflete a confusão do espírito assim como a clareza, a certeza do autor que domina o assunto. Não se pode escrever de forma clara quando a mente ainda está confusa e não domina os materiais da dissertação.

No que diz respeito aos detalhes, a revisão de estilo deve atentar para os seguintes aspectos:

1. eliminar repetições inadvertidas de conteúdos, expressões e palavras;
2. descobrir e controlar certos vícios de linguagem;
3. eliminar o tom oral e uso exagerado de linguagem coloquial e de gírias. (Tome cuidado com as gírias e maneirismos que cada geração, profissão ou grupo de militância política incorpora inconscientemente, e se transforma em hábito de escrita. Não é de bom tom usar a expressão "partir para", a não ser que seja uma briga. De preferência, os autores afirmam, sustentam, dizem, mas raramente "colocam" uma idéia...)
4. buscar o termo ou expressão que melhor cabe naquele contexto;
5. evitar o uso exagerado de adjetivos e de advérbios, que ficam bem em discursos retóricos, mas que não são convincentes em um texto científico.

*Nota bene!* Não se trata de eliminar completamente esses recursos de estilo, mas sim de controlar o abuso, de usá-los de forma mais consciente e adequada ao conteúdo que se quer expressar.

### 3.5. Sentido e conteúdo

As ligações e passagens entre frases e parágrafos nem sempre respeitam os princípios da lógica. Há frases conclusivas que não derivam da exposição anterior; faltam elementos de ligação entre o conteúdo de duas frases ou parágrafos contíguos. Os erros mais comuns desrespeitam as relações de conclusão, consequência, contraposição, confirmação que devem ser expressas em estrutura lógicas precisas, dadas pelo conteúdo que se quer expressar.

Às vezes é mais fácil, por da falta de tempo, escrever muito do que pouco. Todo orientando, durante seu curso, deveria passar pela experiência de escrever um artigo em 5 páginas para um congresso. Ficamos surpresos de quanto espaço precioso ganhamos apenas fazendo uma limpeza de adjetivos e advérbios, evitando verbos duplos, compostos e auxiliares e usando a voz passiva.

Outros erros mais sutis dizem respeito ao sentido de certas palavras, sobretudo de verbos, que não aceitam muito bem a função que lhe é atribuída na frase. São certos termos que soam mal, embora possam estar gramaticalmente corretos. Buscar o verbo adequado e a palavra que expressa exatamente o que quero dizer ou de que se trata precisamente o caso é imprescindível para trazer à tona a realidade tal como ela é. São as diferenciações da realidade que exigem o rigor terminológico, o que justifica, inclusive, a criação de termos e o uso de estrangeirismos. Quando não há conteúdo real que os justifiquem, a terminologia diversificada vira mera fraseologia, termos sem nenhum conteúdo concreto, palavras vazias, que não chegam a se constituir em conceitos. A habilidade em inventar palavras novas substitui o trabalho penoso da ciência de encontrar ou cunhar o termo/conceito que melhor representa o fenômeno em questão.

A última versão (no sentido de derradeira e não de final), o que denominamos acima de

versão 2, é reconhecível por uma característica própria a toda obra de arte: a de ser um todo artístico. Embora este seja um princípio difícil de ser atingido, deve permanecer como objetivo a ser alcançado. Em verdade, são poucos os exemplos de trabalhos científicos, teses e dissertações que alcançam esta forma harmônica. Em geral ela se manifesta por alguns sinais:

1. a questão é apresentada de forma breve e compreensível, com fundamentação empírica facilmente comprovada pela experiência comum;
2. a tese defendida é expressa de forma clara, às vezes em uma frase curta, o que não quer dizer que seja aceita por todos, principalmente pelos eventuais críticos e criticados;
3. o corpo do texto é estruturado em uma seqüência quase evidente, “natural”, em um crescendo que leva ao desfecho anunciado;
4. são referidos poucos autores, mas os mais representativos. É um engano achar que uma boa tese precisa ter uma vasta bibliografia. Certamente precisa-se ler muito, mas o resultado final preserva apenas uns poucos autores considerados essenciais;
5. as questões paralelas são mencionadas, mas deixadas de lado, para não atrapalhar a exposição dos argumentos.

Em conseqüência de tudo isso, a bibliografia utilizada se resume a umas poucas dezenas de referências. O texto que contém uma tese bem definida não precisa ser enciclopédico, ao contrário das monografias que ainda não estão acabadas.